

SAUDADE E HISTÓRIA EM CAMÕES, PESSOA E ESPANCA

Márcia Silva Pituba FREITAS¹

Mestra em Língua Portuguesa – PUC/SP

Sandra Caldas LOURENÇO²

Especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-raciais – CELACC/USP

RESUMO

O presente estudo examina, sob a luz da Linguística Textual, a representação da *saudade*, palavra-sentimento que traduz o espírito do povo lusitano. Recortada em dois momentos distintos, evidencia-se o deslocamento da *saudade* no tempo, no qual é possível se verificar as características próprias que a palavra representa em meio aos peculiares contextos sociais, políticos e históricos, aos quais pertence. Para tanto, o trabalho se respalda na intertextualidade representada no uso da palavra-sentimento, expressa na estrofe 124 do Canto III de “Os Lusíadas”, de Luís Vaz de Camões e nos poemas “Vozes do mar”, de Florbela Espanca, e “Mar Português”, de Fernando Pessoa. Fundamenta-se, principalmente, nas teorias de Lourenço (1999) e Chartier (1988). Como resultado, verificamos que a representação da palavra *saudade*, além de se constituir em perda e ausência, vai sendo acrescida, por conta do deslocamento no tempo, de memória, o resgate do passado-presente em relação ao presente-passado.

Palavras-chave: *saudade*. Representação. Intertextualidade. Memória.

Considerações iniciais

“Quem não vê bem uma palavra, não pode ver bem uma alma.”
(Fernando Pessoa)

O presente artigo tem como objetivo verificar a representação da palavra *saudade*³, sob a ótica dos estudos da intertextualidade, nos contextos de uso em que se apresenta na literatura portuguesa em dois momentos distintos, entre meados do século XVI e início do século XX, forjando, ao longo do tempo, uma identidade social do povo luso, carregada de significados e representações, sejam estas privadas ou coletivas.

Nesse sentido, a respeito da representação, destacamos os pressupostos de Chartier (1988, p.23):

Mais do que o conceito de mentalidade, ela permite articular três modalidades de relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um

¹ Márcia Silva Pituba Freitas, marpituba@hotmail.com

² Sandra Caldas Lourenço, caldaslourenco@gmail.com

³ Por uma questão de paralelismo, optamos por mencionar a palavra *saudade* em itálico.

estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns “representantes”(instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe, da comunidade.

A *saudade* portuguesa transformou-se em um elemento de identificação do povo lusitano, constituindo-se como parte do patrimônio cultural daquele país, da mesma forma que o fado se tornou a arte musical de expressão maior da *saudade* lusa.

Para percebermos de que forma a representação do termo se ampliou ao longo do tempo, é importante ilustrarmos esse deslocamento, apresentando um recorte em duas épocas distintas, a partir do contexto histórico vivido por Portugal: o Século de Ouro⁴ (entre fins do século XV e decorrer do XVI), representado neste estudo pela análise da estrofe 124, Canto III de Os Lusíadas, de Luís Vaz de Camões (1572), e nas poesias Vozes do Mar, de Florbela Espanca (1917) e Mar Português, de Fernando Pessoa. Assim, a respeito da intertextualidade observamos que:

[...] todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de *intertextualidade*, e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla (KRISTEVA ([1969] 2012, p.141-142, grifo da autora).

No período camoniano, o povo português transborda um sentimento de superioridade diante das demais nações europeias por conta do orgulho lusitano, que se respalda não apenas na coragem de seus heróis, desbravadores de mares e terras, como também na disseminação e desenvolvimento de sua língua, literatura e cultura. É um tempo em que se vivia a paz, a justiça e a felicidade, ilustrativo de uma era de glória. Segundo Coutinho (2011, p.58):

O século XVI reservou a Portugal um papel saliente na história dos descobrimentos marítimos e das conquistas territoriais. A língua portuguesa, que servia, nessa época, de instrumento a uma culta e rica literatura, espalhou-se rapidamente pelas novas terras recém-descobertas, avassalando continentes e ilhas. Nenhum povo foi jamais tão longe através dos mares, como o lusitano, cujas naus percorriam os oceanos em todos os sentidos e cuja bandeira tremulava em todas as cinco partes do mundo, porque em todas elas Portugal possuía colônias.

⁴ Período em que ocorre o apogeu da glória no ciclo das grandes conquistas (séculos XV e XVI). Este ciclo fecha-se com o rei Desejado ou Encoberto, D. Sebastião, desaparecido na Batalha de Alcácer-quibir, em 1578.

É nesse contexto que, em 1572, publicam-se *Os Lusíadas*, obra que corrobora, além do orgulho lusitano e suas conquistas, episódios históricos marcantes para a nação portuguesa. No Canto III, o fato marcante relatado por Camões reside na morte de Inês de Castro⁵, o que acaba por converter-se “na referência mítica por excelência da cultura portuguesa” (LOURENÇO, 1999, p. 97).

Embora o fato acima seja uma passagem fora do tempo cronológico dos feitos heroicos das grandes conquistas territoriais – Século de Ouro – retratados por Camões, pode-se dizer que o episódio de Inês de Castro assegura um ponto histórico na memória do povo luso.

Num segundo momento, contamos com a visão poética, sensível e singular de Florbela Espanca, considerada por Teixeira de Pacoaes – fundador do Saudosismo (1910-1915) – a poeta da *saudade*, ainda que para a sociedade lusa, conservadora e católica de seu tempo, o trabalho de Espanca fosse considerado marginal, uma vez que “as mulheres não adentraram o espaço restrito aos homens da Geração de Orpheu”⁶ (JUNQUEIRA, 2015, p. 8).

Embora segregada de um fazer literário predominantemente masculino, Florbela escreve um capítulo à parte na literatura portuguesa, já que sua poesia não é uma obra de engajamento, mas, por outro lado, também não é alheia às questões sociais e políticas de seu tempo. Sua poesia expressa um viés intimista, imersa nas diversas *saudades* da alma lusitana, fazendo com que ela seja atemporal, sem se desvencilhar dos contextos históricos em que a palavra *saudade* está representada.

De acordo com Lourenço (1999), Portugal, em pleno início de século XX, ainda insiste em querer ser considerado novamente o líder glorioso, tentando repetir os feitos históricos do Século de Ouro, num empenho em reviver uma nova grande globalização, quer fosse nas ciências, nas artes, na literatura, que enriqueceu a cultura nos países sob seu domínio. Por isso, Lourenço (1999, p.14) afirma: “É esse lugar de sonho, esse lugar ao abrigo do sonho, esse passado-presente, que a ‘alma portuguesa’ não quer abandonar.”

Essa tentativa de resgate, manifestada por meio da palavra *saudade*, desloca-se no tempo de modo explícito em *Vozes do mar*, de Florbela Espanca (em *Trocando Olhares*,

⁵ De origem galega, foi levada a Portugal para servir como dama de companhia de Dona Constança, esposa legítima do príncipe D. Pedro, filho do rei D. Afonso IV. Inês de Castro torna-se amante do príncipe, casando-se secretamente com ele em Coimbra, lugar em que viveu com seus filhos até ser sacrificada por ordem do rei, sob a influência e insistência da fidalguia lusitana, em 1375.

⁶ Geração Orpheu/Orfismo (1915-1927) movimento literário português voltado às ideias estetizantes, beirando ao esoterismo, que propunha uma ruptura com o movimento burguês, o qual estagnava a cultura portuguesa daquele tempo, revelando assim, por meio da poesia, uma nova estética descompromissada com ideologias de qualquer caráter (histórico, político, científico, etc.). O Orfismo se contrapunha ao Simbolismo. (Ver Moisés, 2010).

1915-1917), e de modo implícito em o *Mar Português*, de Fernando Pessoa (em *Mensagem*, 1934).

De acordo com Moisés (2013, p.319), “o culto da Saudade, na sua forma extrema, que somente um português seria capaz de nutrir”, revela-se em poemas diversos, apresentando facetas diferenciadas, a exemplo de Garrett, que manifesta um sentimento contraditório e nebuloso presente em seus poemas. Da mesma forma que a *saudade*, em outros poetas e poemas, é representada por meio de melancolia, nostalgia, as quais nos remetem às questões místicas e metafísicas, pois nelas a *saudade* adquire um sentido anacrônico. Dessa forma, Lourenço (1999, p.52) assera que:

Saudade é memória, consciência da essencial temporalidade do ser, que não tem nem pode ter sobre si mesmo mais alta contemplação que a de si como passado em transe do futuro. O Sebastianismo seria assim memória presente do bem anterior à nossa morte moral em Alcácer-Quibir, um avatar da saudade lusíada.

Assim, podemos inferir que a *saudade*, embora expresse sentidos diferentes em suas representações, está ligada aos contextos políticos, sociais, econômicos e culturais situados, respectivamente, nos tempos de Camões, de Espanca e de Pessoa, os quais veremos a seguir.

Os Lusíadas: saudade e representação histórica do povo luso

Para entendermos o deslocamento da *saudade* no tempo como elemento de representação do povo português, é necessário que situemos alguns aspectos essenciais do desenvolvimento histórico da nação lusa, a partir do épico *Os Lusíadas*, de Camões.

A contribuição da obra épica de Camões à compreensão do que significa a nação lusa principia com sua atuação no corpo militar português frente às inúmeras batalhas travadas em prol da coroa lusitana, no período das grandes conquistas em continentes como a Ásia e a África. Pode-se, assim, asseverar que, de certa maneira e em certa medida, Camões, como integrante do exército de sua majestade, foi testemunha ativa e privilegiada do desenrolar dos acontecimentos históricos, que levaram Portugal ao topo do mundo, como país líder e responsável por um período de grande globalização.

Aliado ao fato de participar das batalhas em prol de seu país, Camões, estudioso e letrado, recebeu do então rei D. Sebastião a incumbência de registrar os feitos heroicos do povo luso, como forma de perpetuar na memória o orgulho e a superioridade de Portugal à frente dos

desbravamentos além-mar que impulsionaram o país a um período de prosperidade sócio-econômica-cultural e de paz, justiça e felicidade. Sobre isso, afirma Lourenço (1999, p.56):

O caráter clássico, pelo menos na aparência, d' *Os lusíadas* consagrado aos feitos marítimos dos portugueses no século XVI, e a glória que esparge sobre a pequena nação, parecia obstar a qualquer apropriação romântica da sua obra. Além do mais, o canto camoniano – colocado sob o signo do nacional, senão do nacionalismo, embora a viagem de Vasco da Gama à Índia possa ser considerada sob o prisma universal, como fizeram no século XVIII os seus tradutores e comentadores ingleses – parecia por demais particularista, português, para se tornar objeto de exaltação para outras culturas. O seu caráter de narração, no sentido clássico, a mistura das descrições realistas com o fantasioso greco-latino, por vezes em tom de paródia, também não se coadunava com o maravilhoso propriamente romântico, mais orientado para uma nova forma de fantástico. A alegoria sobrepõe-se em Camões à liberdade e ambiguidade desse fantástico moderno que transparece já numa epopeia como a de Milton.

Nas 1.102 estrofes, compostas em versos decassílabos, distribuídas em dois ciclos épicos, constatamos que a presença explícita da palavra *saudade* é encontrada apenas no Canto III – estrofe 124 do primeiro ciclo, referente ao episódio de Inês de Castro:

Traziam-na os horríficos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo, com falsas e ferozes
Razões, à morte crua o persuade.
Ela, com tristes e piedosas vozes,
Saídas só da mágoa e saudade
Do seu Príncipe e filhos, que deixava,
Que mais que a própria morte a magoava.

A história de Inês de Castro é um tema de grande repercussão na literatura portuguesa com ecos na literatura brasileira, a exemplo de Lindoya (*O Uruguay*, de Basílio da Gama), Moema (*Caramuru*, de Santa Rita Durão) e Iracema (romance homônimo de José de Alencar), o que nos permite perceber a existência de uma intertextualidade temática que, a partir de um tema universal: as tragédias provocadas pelo amor – acaba por evidenciar uma situação de representação envolta em contextos históricos próprios de seu respectivo tempo (TEIXEIRA, 2001, p. 89).

Na passagem histórica do enlace amoroso entre Inês de Castro e o príncipe herdeiro D. Pedro, que seria mais tarde aclamado o oitavo rei de Portugal, em 1357, observamos que o então rei luso, D. Afonso IV, temeroso de que se concretizasse a união matrimonial entre seu filho e Inês (pertencente à nobreza galega), a fidalguia lusitana seria desprestigiada passando à nobreza galega a titular de benefícios da coroa portuguesa. Por todas essas questões de cunho político e pressionado pelos nobres lusos, D. Afonso IV ordena o sacrifício de Inês, que ocorre no Mosteiro de Santa Clara, em Coimbra, em 1355.

Tal episódio, relatado por Camões no Canto III de *Os Lusíadas*, nos remete ao fato já citado, acrescido da informação de que o povo corroborava o pensamento dos ministros do rei, exigindo a morte de Inês. A *saudade* em Inês surge como uma representação maior que a mágoa e a dor por ela sentidas, causadas pela ausência do marido e dos filhos em virtude de sua morte. Assim, neste contexto, a representação da saudade atrela-se a um significado de perda e ausência, resultantes de uma tragédia de amor.

Vozes do mar e Mar português: *saudade* de tempos idos

A literatura portuguesa, em fins do século XIX e princípios do século XX, vê-se envolta em um período de transição, no qual a influência das literaturas francesa e alemã começam a dar lugar a uma marca própria, nacionalista, que se manifesta nos novos movimentos literários surgidos no país, passando pelo Saudosismo com Teixeira de Pascoaes (1910-1915), até encontrar um fortalecimento no Orfismo (1915-1927), em que se destacam os escritos de Fernando Pessoa.

É nesse caldeamento que surge a poesia marginal de Florbela Espanca. Segundo Moisés (2013, p. 356):

Florbela Espanca tem sido considerada muito justamente a figura feminina mais importante da Literatura Portuguesa. Sua poesia, mais reveladora do seu talento que os contos, e produto de uma sensibilidade exacerbada por fortes impulsos eróticos, corresponde ao verdadeiro diário íntimo, no qual extravasa as lutas que travam dentro dela tendências e sentimentos opostos. Trata-se de uma poesia-confissão, por meio da qual ganha relevo eloquente, cálido e sincero, toda a desesperante experiência sentimental duma mulher superior pelos dotes naturais, fadada a uma espécie de donjuanismo feminino. A poetisa, como a desnudar-se por dentro, sem pejo ou preconceito de nenhuma espécie, põe-se a confessar abertamente as suas íntimas emoções de mulher apaixonada.

O eu-lírico de suas poesias expressa várias facetas do mundo feminino em que se contempla e exhibe-se através de suas máscaras: princesa à espera do seu salvador; a monja que se afasta do mundo exterior para mergulhar-se em si mesma; uma encantadora amorosa que também busca um príncipe encantado, uma mulher já gasta pelo tempo e pela desilusão achando-se solitária que encontra na morte seu verdadeiro fado (JUNQUEIRA, 2016).

Contemporânea de Teixeira de Pascoaes, Espanca escreve refletindo um pensamento de época, instaurado por Pascoaes, que mitifica a *saudade* lusitana com a publicação da obra *Regresso ao Paraíso* (1912), em que a *saudade* além de consciência carnal (ausência do ser), passa a ser revestida de temporalidade (memória). Por isso, a poesia florbeliana, nesse sentido, dialoga com o pensamento dele, a respeito das diversas representações manifestadas pela *saudade* portuguesa naquele momento (LOURENÇO, 1999).

Assim, temos em **Vozes do Mar**:

Quando o sol vai caindo sobre as águas
Num nervoso delíquio d'oiro intenso,
Donde vem essa voz cheia de mágoas
Com que falas à terra, ó mar imenso?

Tu falas de festins, e cavalgadas
De cavaleiros errantes ao luar?
Falas de caravelas encantadas
Que dormem em teu seio a soluçar?

Tens cantos d'epopeias? Tens anseios
D'amarguras? Tu tens também receios,
Ó mar cheio de esperança e majestade?!
Donde vem essa voz, ó mar amigo? ...
... Talvez a voz do Portugal antigo,
Chamando por Camões numa saudade!

O mar é elemento fundamental de representação da *saudade* portuguesa, uma vez que foi por meio dele que Portugal desbravou novos mundos, conquistou territórios e impôs sua língua, cultura e religião.

A *saudade* manifestada no orgulho luso expresso em *Os Lusíadas*, por conta dos feitos heroicos nos desbravamentos além-mar, torna-se evidente – de modo explícito – não apenas

nos versos de Espanca, conforme visto acima, mas também de forma implícita na poesia de Pessoa, em *Mar Português*⁷:

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

As conquistas realizadas por Portugal nos tempos de Camões e, portanto, descritas em sua poética, de certo modo encontram ressonância e continuidade nas poesias de Pessoa, uma vez que ambas possuem o mar como elemento comum. Mais que isso: o mar torna-se, ao mesmo tempo, protagonista e veículo de realização dos feitos heroicos do povo luso. Daí resulta, em Pessoa, que sua poesia venha rememorar o saudosismo de velhos tempos.

Indo além, Portugal enxerga-se como o povo de Cristo, detentor de um messianismo salvador da humanidade, uma vez que “a história portuguesa tinha uma missão civilizadora a cumprir no mundo, impondo aos quatro cantos sua religião e sua doutrina política” (TEIXEIRA, 2001, p.30). Prova disso, vê-se representada na bandeira portuguesa, “a esfera armilar, em suma, a representação do Universo”, conforme asserta Lourenço (1999, p.10).

A memória da missão heroica de Portugal é trazida à tona, mais uma vez, nos versos de Pessoa, delineada pelos verbos que nos remetem ao tempo pretérito, resgatando-a para um tempo presente com intuito de projeção, o que faz igualmente Espanca, nos últimos versos de *Vozes do Mar*, ao evocar Camões:

Donde vem essa voz, ó mar amigo? ...
... Talvez a voz do Portugal antigo,
Chamando por Camões numa saudade!

Dessa forma, Portugal, imbuído do sentimento saudoso dos tempos de glória, fundamentado no mito sebastianista, surgido após o desaparecimento do El Rei D. Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir, na África, em 1578, busca recuperar, respaldado na memória, o orgulho e a missão messiânica de outrora: a esperança, ratificada na última estrofe do soneto de Espanca.

⁷ In: *Mensagem*, 2010, p.53

Considerações finais

Para uma melhor compreensão da intertextualidade apresentada neste estudo, por meio da representação da *saudade* lusitana, verificada nos textos aqui analisados, constatamos que em Camões a *saudade* apresenta-se como ausência, perda, demonstrada no episódio histórico da morte de Inês de Castro. Já em Espanca, devido às mudanças históricas, sociais, políticas, culturais, entre outras, percebe-se um acréscimo que vai além da representação de perda e ausência, projetada no resgate da memória passado-presente, presente-passado, tendo o mar como elemento fundamental de simbologia da própria *saudade* lusa.

Do mesmo modo que em Espanca, Pessoa traz o mar como um referencial de identidade e de rememoração da *saudade* portuguesa, “evidente nas novidades que vem revelando seja de conteúdo, seja na forma poética” (Moisés, 2013, p.331).

Pessoa, assim como Camões, cada um a seu tempo, iniciam ciclos poéticos, batizados respectivamente *peessoano* e *camoniano*, trazendo novas formas de revelar, por meio de suas poesias, não só uma linguagem estilística que rompe com os cânones impostos pelo passado linguístico, mas também de fundamentar uma identidade própria portuguesa (Moisés, 2013).

Assim, a intertextualidade verificada neste estudo mostra-se tanto de modo implícito quanto explícito, a partir de um mosaico que se constrói pela representação da *saudade* nos textos apresentados, uma vez que perpassa períodos específicos de cada tempo.

Portanto, utilizando-nos da intertextualidade, pudemos verificar o deslocamento da representação da palavra *saudade*, nos contextos particularmente citados, em tempos específicos de produção. Da mesma forma, foi possível constatar que houve um acréscimo de significado na palavra-sentimento de orgulho luso no deslocamento ora mencionado.

Referências bibliográficas

- CAMÕES, L. V. de. *Os Lusíadas*. RAMOS, Emanuel Paulo (Org.), Porto: Porto Editora, 2006.
_____. *Os Lusíadas*. TEIXEIRA, Ivan. Apresentação e notas. 6ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1988.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

ESPANCA, Florbela. *Antologia poética*. JUNQUEIRA, Renata Soares. Apresentação. São Paulo: Martin Claret, 2015.

GARRETT, Almeida. *Melhores Poemas*. LEAL, Izabela. Seleção. São Paulo: Global, 2011.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da Saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 37ª ed. rev. e ampl., 1ª reimp., 2013.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Saraiva, 2010.

Missing and History in Camões, Pessoa and Espanca

ABSTRACT

The present study examines, in the light of Textual Linguistics, the representation of nostalgia, a sentiment that expresses the spirit of the Portuguese people. Cut out in two distinct moments, it is evident the displacement of the longing in time, in which it is possible to verify the own characteristics that the word represents amid the peculiar social, political and historical contexts, to which it belongs. To that end, the work is based on the intertextuality represented by the use of the feeling-word, expressed in verse 124 of Canto III of Luís Vaz de Camões's "Os Lusíadas" and in Florbela Espanca's poems "Vozes do Mar", and "Mar Português" by Fernando Pessoa. It is mainly based on the theories of Lourenço (1999), Chartier (1988), among others. As a result, we find that the representation of the word saudade, besides being constituted in loss and absence, is augmented, due to the displacement in time, of memory, the rescue of the past-present in relation to the present-past.

Keywords: Nostalgia. Representation. Intertextuality. Memory.

Envio: janeiro/2018

Aceito para publicação: maio/2018